

Petróleo

*Por Pedro Neves**

A) PETRÓLEO

a) Produção, Consumo Interno e Saldo Comercial

O mês de outubro de 2018 apresentou produção diária de 2,61 MMbbl/d, inferior aos 2,49 MMbbl/d produzidos em setembro (Tabela 2.1). Esse foi o primeiro aumento na produção nacional após quatro meses de queda. A Petrobras é a principal responsável pela recuperação dos números. Com a entrada em operação da P-69 no campo de Lula (Bacia de Santos) combinada com o fim da manutenção dos sistemas dos campos de Jubarte (P-57), Roncador (P-52) e Albacora (P-25 e P-31), todos na Bacia de Campos, a empresa obteve uma variação positiva de 9% em outubro em sua produção interna de óleo.

Se ao mesmo tempo a produção total na Bacia de Campos teve um incremento mensal (de 9%), há muito não visto, a Bacia de Santos apresentou novo recorde mensal com a adição de 97 mil barris/dia e ampliou sua liderança no levantamento por Bacia. Contudo, a soma das duas bacias apresenta queda anual, ou seja, o declínio contínuo de Campos não compensou os ganhos de Santos e um total de 30 Mbbl/d foi subtraído do montante do país. O Plano de Negócios e Gestão da estatal (PNG 2019-2023) prevê investimentos da ordem de US$ 20 bilhões na Bacia de Campos, quase sua totalidade dedicada a revitalização de campos como Marlim e Voador. Há ainda o desenvolvimento do campo de Caxaréu, no Parque das Baleias.

A publicação da Petrobras também indica a entrada de 13 unidades de produção para os próximos 5 anos, a maioria deles na bacia de Santos do estado do Rio de Janeiro. Em realidade houve apenas um rearranjo dos sistemas contidos no PNG 2018-2022, seja por opção da empresa ou por atrasos operacionais. Para esclarecimento, dos oito sistemas previstos para 2018, seis deles entraram ou entrarão em operação no ano. A P-76 (unidade do campo de Búzios) começará a operar ainda esse ano e se junta as unidades

P-67, P-69, P-74, P-75 e o FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes. Vale destacar que a P-76 teve 71% de conteúdo local em sua construção e montagem.

Na comparação anual, registrou-se leve queda de 0,5% em outubro (2018) com relação à produção de 2017 para este mês. Segundo dados da ANP, em outubro, 95,9% de todo o óleo extraído nos campos nacionais e 78,4% do gás natural foram produzidos em campos marítimos. O esforço exploratório brasileiro está concentrado em 7.399 poços, sendo 716 marítimos e 6.683 terrestres, e os campos operados pela Petrobras produziram 92,7% do total de óleo e gás natural.

Com relação ao pré-sal, a produção em outubro foi oriunda de 88 poços e chegou a 1,47 MMbbl/d de óleo e 59 MMm³/d de gás natural, totalizando 1,84 MMboe/d (milhão de barris de óleo equivalente por dia), um recorde nacional de 54,9% da produção do país. Vale mencionar que esses números já contemplam a conclusão do TLD de Mero, que com um único poço já era o 4º maior produtor do país. O campo de Lula, sozinho, foi responsável por 60% da produção em óleo equivalente do pré-sal e 34% da produção nacional. A recente entrada da plataforma P-69, que começou a operar no extremo sul do campo (24/10), deve alavancar ainda mais a produção no campo, que chegou a 0,9 MMbbl/d numa capacidade instalada de cerca de 1 MMbbl/d.

O CNPE aprovou em dezembro de 2018, as rodadas de 2019 (16ª rodada de concessão e 6ª rodada de partilha) e admitiu que a ANP realize estudos para a realização da 7ª e 8ª rodadas de patilha, previstas para 2020 e 2021, respectivamente. A 6ª rodada do pré-sal terá um bônus de assinatura pré-fixado de R$ 7,85 bilhões, dos quais R$ 5,05 bilhões estarão vinculados apenas ao bloco de Aram, localizado a oeste de Carcará. A 16ª rodada de concessão, por sua vez, ofertará 42 blocos em diversas bacias, incluindo águas profundas de Campos e Santos.

Ainda falando sobre as rodadas, em 17/12 foram assinados os contratos referentes a 4ª e 5ª rodadas de partilha. A Petrobras participa e é operadora de quatro das sete áreas arrematadas, mas apenas o bloco de Sudoeste de Tartaruga Verde não possui outros concessionários participando do acordo.

Um último ponto importante nessa temática refere-se a renegociação da cessão onerosa e a realização do leilão referente ao seu excedente. O governo não conseguiu aprovar o texto no Senado nem diretamente com o TCU, de modo que ficará para o próximo a renegociação e as eventuais discussões[1].

Tabela 2.1: Contas Agregadas do Petróleo (Bbl/d).

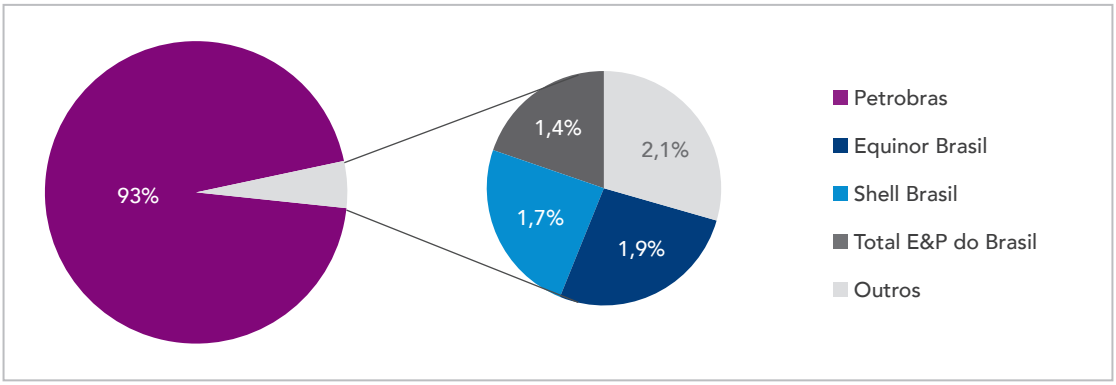
Agregado	out-18	out-18/set-18	Acumulado*
Produção	2.614.131,9	8,7%	942.489.990,6
Consumo Interno	1.695.643,1	7,6%	607.060.187,2
Importação	342.197,0	114,1%	69.126.752,4
Exportação	1.547.056,1	16,2%	386.731.684,6

*Acumulado no ano de 2018.
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

[1] Para mais informações, consulte nossa Coluna Interna: Matizes político-econômicas brasileiras, a cessão onerosa e o excedente da cessão onerosa.

No tocante às empresas presentes em todo o setor no Brasil enquanto operadoras, a participação da Petrobras ainda é majoritária, com 93% da produção. A participação da Equinor Brasil diminui para 1,9%[2] (em relação ao mês anterior) enquanto a Shell[3] apresentou leve aumento para 1,7% e a Total[4], em quarto, reduziu a 1,4% sua porcentagem de operação no país. Há expectativa de mudança breve nesses patamares devido a conclusão de fases exploratórias de blocos recém-arrematados e início de produção de outros sistemas. A presença cada vez maior de empresas internacionais nos leilões também corrobora a mudança esperada. A Figura 2.3 mostra as concessionárias que participam da produção no Brasil enquanto operadoras no mês de outubro.

Figura 2.1: Distribuição da produção de Petróleo por Operador

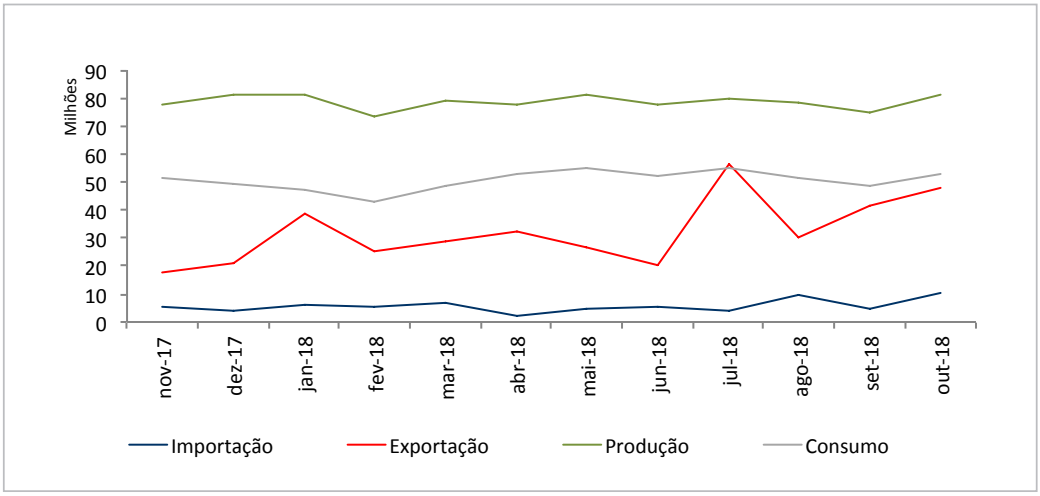


Fonte: ANP, 2018.

Sobre a balança comercial do setor petrolífero, em outubro de 2018, pode-se observar que a diferença entre Produção e Consumo tornou a subir (com o aumento da produção a uma taxa mais rápida que o consumo). Interessante notar a aproximação do consumo nacional com as exportações de petróleo, evidenciando o alto potencial de diversificação do país. Com relação à conta petróleo, que representa o saldo entre Exportações e Importações, verificou-se um aumento do gap entre elas, altamente vinculado as importações, que duplicaram seu valor no mês de outubro diante de setembro.

2 Houve redução na produção de Peregrino.
3 Houve incremento na produção de Argonauta.
4 Houve ligeira redução da produção de Lapa.

Figura 2.2: Contas Agregadas do Setor Petróleo, últimos 12 meses (Bbl)

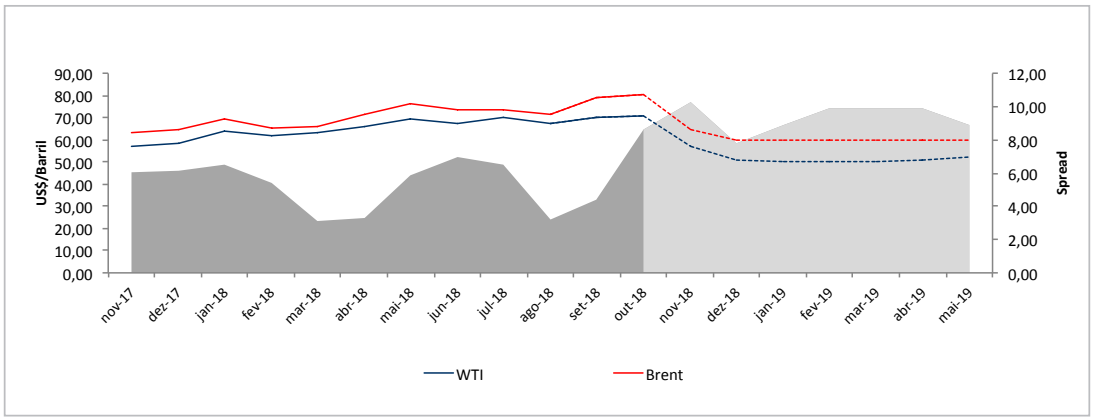


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Passando para a análise dos preços internacionais, segundo o *Energy Information Administration* - EIA (Figura 2.5), a média de preços do óleo tipo Brent registrou alta no mês de outubro, atingindo o valor de US$ 81,03/bbl. O WTI também teve um aumento e chegou ao valor de US$ 70,53/bbl em outubro.

Contudo, é importante adiantar que os preços sofreram forte queda nos últimos dias. O Brent já está cotado abaixo dos US$ 60/bbl e o WTI dos US$ 50/bbl. As razões são as mesmas já mencionadas em edições passadas deste boletim: desequilíbrio entre oferta e demanda global, indefinição por parte da OPEP acerca do corte na produção para conter a baixa nos preços e as isenções concedidas pelos EUA a alguns compradores de óleo iraniano mesmo diante das tarifas impostas. Ainda assim as exportações e a produção do Irã estão em queda. O mesmo ocorre na Venezuela. A própria EIA já atualizou suas projeções de preço para cenários consideravelmente mais negativos em sua publicação Short Term Energy Outlook (vide Figura 2.5).

Figura 2.3: Preço Real e Projeção (US$/Bbl).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da EIA (Deflator - CPI/US)

Voltando à produção brasileira, em outubro, o cenário por estado acompanhou o perfil positivo da produção nacional, tanto para as áreas onshore quanto *offshore*. De fato apenas a produção em mar de Alagoas e Bahia apresentaram queda em relação a Setembro e a produção em terra do Ceará. O estado do Rio de Janeiro, maior produtor do país, ultrapassou a barreira dos 1,8 MMbpd, número maior que toda a produção de outubro do México, Venezuela e Noruega.

Tabela 2.2: Produção por Estado (Bbl/d).

UF	Localização	out-18	out-18/set-18	Acumulado*
AL	Onshore	2.519	1,5%	952.842
	Offshore	104	-24,6%	43.706
AM	Onshore	19.938	2,1%	7.403.106
BA	Onshore	28.647	4,8%	10.715.683
	Offshore	528	-3,5%	198.809
CE	Onshore	1.033	-2,9%	397.370
	Offshore	4.410	4,6%	1.566.679
ES	Onshore	8.826	1,3%	3.686.925
	Offshore	337.288	22,8%	120.999.258
MA	Onshore	97	23,6%	17.961
RJ	Offshore	1.825.950	7,5%	657.096.476
RN	Onshore	34.635	4,4%	12.993.165
	Offshore	4.621	6,5%	1.913.125
SP	Offshore	328.934	4,5%	117.483.660
SE	Onshore	11.719	1,1%	5.164.745
	Offshore	4.882	4,5%	1.856.482
Total		2.614.132	8,7%	942.489.991

*Acumulado no ano de 2018.
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

B) DERIVADOS DO PETRÓLEO

A Tabela 2.3 apresenta dados diários consolidados para os derivados de Petróleo. Em outubro de 2018, e diante dos péssimos números registrados em setembro, os únicos índices negativos ficaram com o consumo de óleo combustível e a importação de gasolina, altamente vinculado a alta nos preços internacionais que o petróleo vivia na época e da total correlação entre estes e o preço do derivado.

Entretanto, a gasolina segue uma trajetória de queda acentuada nos primeiros 10 meses do ano, em processo de substituição pelo etanol hidratado, que já se apresenta há meses como mais vantajoso na bomba. Em termos comparativos houve no ano uma substituição de mais de 40% de consumidores de gasolina para álcool. O aumento no consumo de etanol foi de 47,7% em outubro.

Tabela 2.3: Contas Agregadas de derivados (Bbl/d)

Combustível	Agregado	out-18	out-18/set-18	Acumulado*
Gasolina A	Produção	412.544	3,5%	151.575.316
	Consumo	452.064	5,5%	179.740.960
	Importação	17.633	-8,6%	18.732.081
	Exportação	55.192	499,7%	6.265.829
Diesel S10	Produção	778.489	11,1%	261.185.256
	Consumo	924.456	5,9%	313.602.965
	Importação	226.563	136,1%	74.280.275
	Exportação	640	9,1%	6.555.198
GLP	Produção	131.403	3,5%	47.275.370
	Consumo	229.109	3,5%	83.608.303
	Importação	44.520	2,3%	1.380.113
	Exportação	0	-	6.222
QAV	Produção	99.193	7,9%	40.629.003
	Consumo	121.829	1,4%	44.618.266
	Importação	39.398	-	3.986.909
	Exportação	8.838	307,2%	407.631
Óleo Combustível	Produção	168.378	8,4%	68.076.883
	Consumo	32.747	-41,8%	15.834.929
	Importação	0	-	1.682.226
	Exportação	132.241	40,7%	29.632.702

*Acumulado no ano de 2018.
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Na comparação dos preços de realização interna e de referência internacional dos combustíveis, todos os derivados em análise tiveram preço de realização interna inferior ao de referência internacional[5]. De acordo com economistas do Ibre/FGV, as previsões de cotação do dólar e preço de petróleo para 2019 mais baixas corroboram com o fim do programa de subvenção, agendado para 31 de dezembro de 2018. Eles ainda afirmaram que o custo total da medida ficou em torno de R$ 13,5 bilhões em 2018 (Valor, 2018)[6].

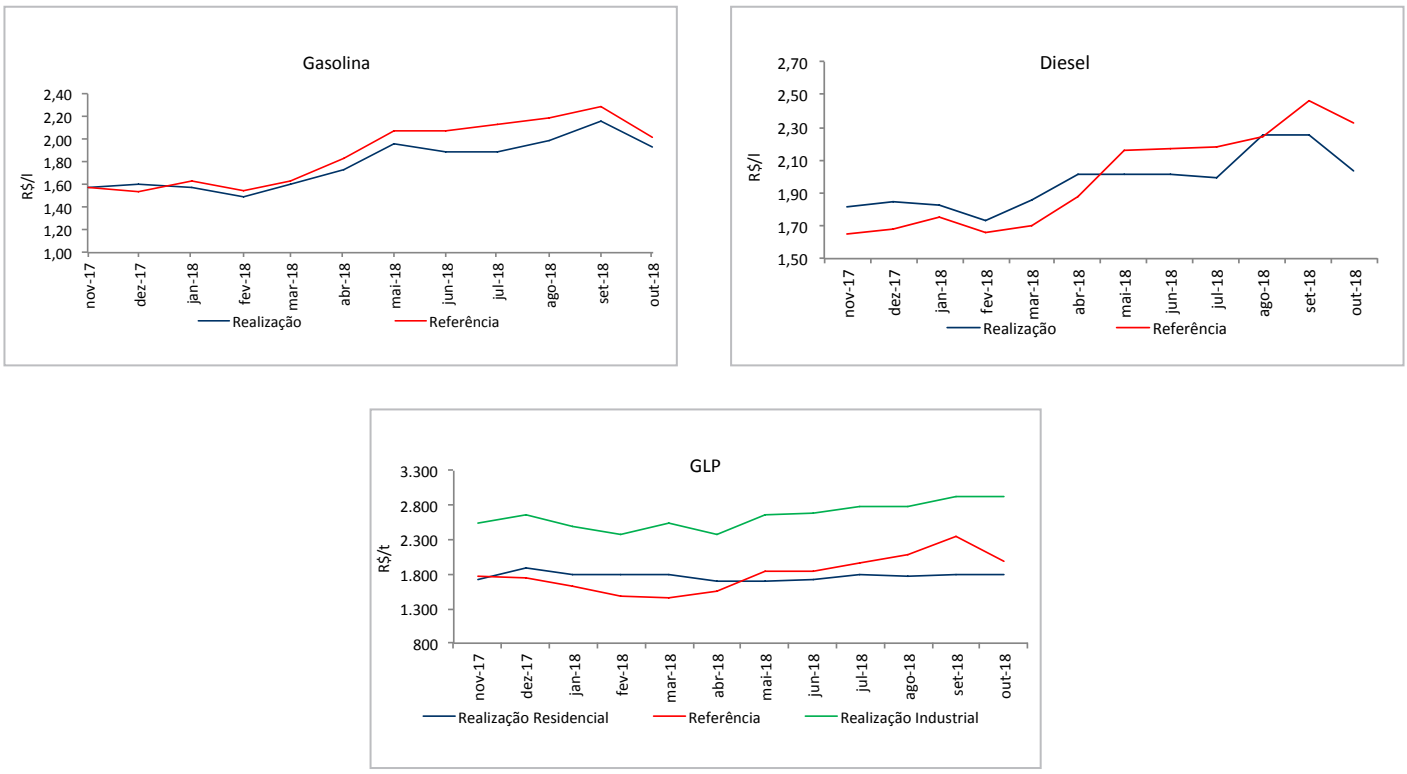
Ficou também evidente no PNG 2019-2023 o reposicionamento por parte da Petrobras com o segmento de *downstream*. De fato, com os desinvestimentos previamente anunciados em 2018, é provável que a companhia continue cedendo espaço no setor. A empresa inclusive apresenta sua proposta de modelo de refino na qual ela salta dos atuais 99% de *market share* para um total de 60%. Isso representa uma interessante oportunidade para empresas de pequeno a grande porte que queiram se inserir no segmento no país. Entretanto, elas terão que investir não somente na modernização do parque atual como na sua ampliação, algo que requer custos altos.

Adiantamos nessa edição que a Petrobras obteve a aprovação da ANP para a retomada da produção da unidade de Coqueamento Retardado da RNEST que regulariza a operação da Refinaria. A empresa reforçou em comunicado que durante o período de manutenção da unidade o abastecimento de combustíveis não foi impactado.

5 O óleo combustível segue a equidade na formulação de seus preços desde novembro de 2016 e, por isso, não consta nas figuras apresentadas.

6 https://www.valor.com.br/brasil/5979565/cenario-permite-fim-do-subsidio-ao-diesel

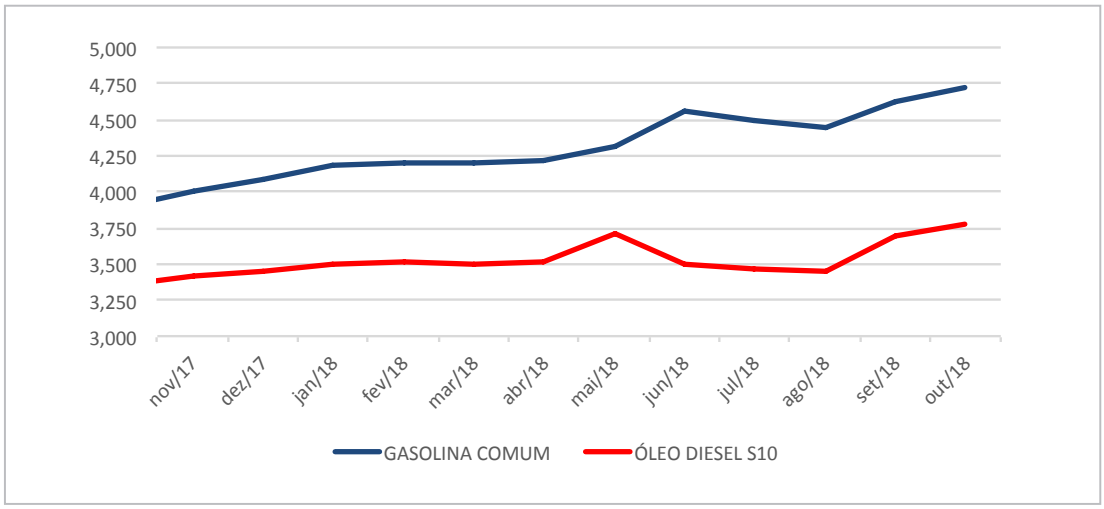
Figura 2.4: Preço Real dos combustíveis X referência internacional (R$/l)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Concomitantemente, em outubro de 2018, os preços para gasolina comum e diesel S10 praticados por postos de combustíveis no Brasil também voltaram a crescer. A Figura 2.7 apresenta um histórico anual desses preços.

Figura 2.5: Preço de revenda da gasolina e do óleo diesel no Brasil (R$)



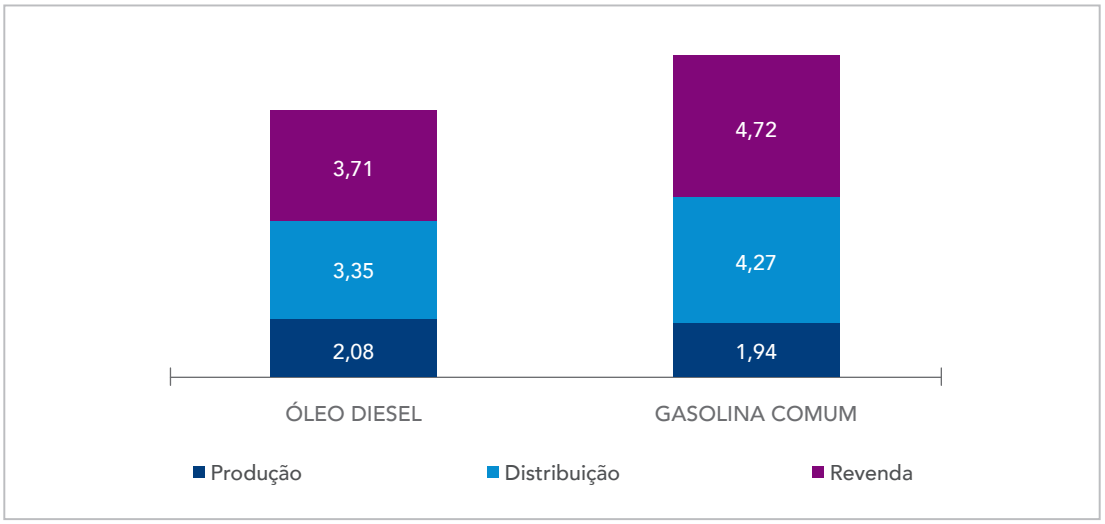
Fonte: ANP, 2018.

C) POLÍTICA DE PREÇOS DE DERIVADOS

O acompanhamento do histórico de preços permite observar os pontos de influência governamental na precificação, como o programa de subvenção ao diesel. Em dezembro de 2018, a ANP concedeu à sete empresas o pagamento de R$ 700,8 milhões referentes a 3ª fase do programa (meses de julho a outubro). 95% dos valores foram repassados à Petrobras.

A agência também disponibiliza, desde 2002, um acompanhamento dos preços e margens de comercialização de combustíveis baseado no regime de liberdade de preços dos diferentes segmentos de mercado: a produção, a distribuição e a revenda. A Figura 2.8 ilustra um exemplo de como a agência endereça a composição dos preços. Os dados são referentes a outubro de 2018.

Figura 2.6 – Formação de preços de combustíveis em outubro (média nacional em R$)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP e do MME.